

SÍNDROME DE BURNOUT EM ESTUDANTES DE MEDICINA

Iara Pereira de Oliveira; Felipe Sousa Rodrigues; Denis Masashi Sugita.

Centro Universitário de Anápolis- UniEvangélica

RESUMO: Os transtornos mentais, atualmente, são os principais responsáveis pelo afastamento do estudo/trabalho por longos períodos de tempo. São esses que conferem riscos para a conservação da saúde mental, interpessoais, composta por três dimensões chave: exaustão emocional, despersonalização e redução da realização pessoal. Esta pesquisa tem como principal objetivo apresentar algumas reflexões sobre os principais fatores de risco para o desenvolvimento da Síndrome de Burnout entre os discentes do curso de medicina, a fim de compreendê-los dentro de um processo de desgaste físico-emocional em decorrência do processo de estudo, trabalho e responsabilidade. Foi realizado uma revisão bibliográfica sistemática, de natureza qualitativa, na base de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS/BIREME), de artigos recentes sobre a temática em questão. Foi demonstrado a carência de pesquisas nessa área. A maior prevalência dos estudos apontam para os extremos do curso (primeiro e sexto ano). Os principais fatores de risco observados foram: o etilismo; a mudança de rotina e ambientação; o aumento da carga horária de estudo; e a dificuldade de lidar com situações extremas. Por outro lado, observou a relação com fatores atenuantes, como: a maior faixa etária, prática de exercícios físicos, pessoas que possuem maior facilidade para interação entre pessoas. A alta prevalência de síndrome de Burnout entre os discentes de medicina é uma realidade, e requer um olhar diferenciado tanto em sua profilaxia, como no diagnóstico e no tratamento. É necessário aprofundar o conhecimento sobre a manifestação do estresse ocupacional, a fim de se compreender e elucidar alguns problemas enfrentados por essa atividade, como a insatisfação profissional e com resultados avaliativos, a extenuante carga horária, o absenteísmo, as cobranças excessivas durante o percorrer do curso.

Palavras-chave:
Burnout.
Estudantes.
Esgotamento
profissional.

Saúde mental no ensino médico

FACILITADORES DO MENTORING: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Matheus Gabriel Dias; Naryanna Renata Arantes de Moraes; Matheus Ferreira Gonçalves; Maria Amélia Dias Pereira.

Universidade Federal de Goiás

RESUMO:

Entre 15 a 25% dos estudantes de medicina sofrem de distúrbios psiquiátricos, como ansiedade e depressão. Assim, a Faculdade de Medicina disponibiliza, desde 2015, o programa de tutoria Mentoring, como uma disciplina eletiva. Em 2018 foi criado o projeto dos “facilitadores”, para complementar o Mentoring, e aumentar a participação dos alunos. O trabalho relata a experiência de um aluno como facilitador no Mentoring e na oficina de musicoterapia oferecida pela disciplina. Houve uma reunião entre facilitadores e professores para explicar o funcionamento, definir responsabilidades, integrar e definir grupos de trabalho. Em seguida, foi feito um questionário online, em que todos os alunos do Mentoring e os facilitadores escolheram as oficinas que participariam. O facilitador ajuda na interação professor-aluno e garante adesão dos alunos nas oficinas e encontros mensais. Para organização da oficina de musicoterapia, o facilitador preparou o local adequado e contatou os alunos, confirmando suas presenças. Além disso, o aluno auxiliou o professor durante a oficina. No dia, o facilitador conseguiu a chave do local do evento e procurou os inscritos para confirmar presença. Havia 22 inscritos e somente 13 vagas, de forma que o facilitador entrou em contato com os 13 primeiros inscritos e, caso algum aluno não pudesse comparecer, convidaria o aluno sucessivo. A oficina aconteceu no dia 20 de março, às 18:30h, com a participação de 11 alunos, 1 aluno facilitador e a professora responsável. A professora trabalhou a ansiedade com os alunos através de atividades dinâmicas, contando com auxílio do facilitador quando necessário. Ao comparar a participação dos alunos nessa oficina com participações em oficinas do ano anterior, foi notória e relevante a atuação do facilitador, aumentando o número de presentes e estimulando a participação. O resultado obtido dá indícios do funcionamento do projeto de extensão e de uma melhora na disciplina Mentoring. A possibilidade, promovida pelo facilitador, de ter alguém para conversar e lembrar os alunos de seu compromisso com a disciplina é algo inovador, prático e com enorme possibilidade de sucesso. A melhora na participação dos alunos pode garantir que o projeto elaborado pela idealizadora da disciplina, venha a se concretizar, possibilitando uma melhora na qualidade de vida dos estudantes através das atividades propostas.

Palavras-chave:

Tutoria.
Mentoring.
Tutoria.

EXCESSO DE CONTEÚDO E SUA INTERFERÊNCIA NA SAÚDE DO ESTUDANTE DE MEDICINA

Bruna Dayane Gomes de Ataíde; Bruna Martinez Yano Lima; Hellen Caroline Pereira Machado; Erick Verner de Oliveira Aquin; Constanza Thaise Xavier Silva.

Centro Universitário de Anápolis- UniEvangélica

RESUMO: O curso de medicina, apesar de ser extremamente concorrido, é também muito exigente. Não só no que diz respeito ao excesso de conteúdo, a graduação exige do aluno tenacidade, resiliência e resistência física, mental e emocional, o que pode acabar por prejudicar o discente tanto no âmbito educacional, quanto no social e pessoal devido ao excesso de cobrança. Formar profissionais competentes e aptos para cuidar das pessoas são importantes, mas é necessário também graduar médicos saudáveis fisicamente e psiquicamente. Objetiva-se expor a necessidade de se preocupar com a saúde dos estudantes. É um relato de experiência baseado numa aula do sexto período de medicina, expositiva e dialogada, de Medicina de Família e Comunidade sobre saúde mental do estudante de medicina em que os alunos tiveram a oportunidade de se expressar e relatar sobre as experiências e preocupações vivenciadas no decorrer do curso. Relato de experiência: Na aula o professor expôs os problemas advindos com o excesso de matéria e de cobrança. A grande quantidade de matéria nem sempre garante maior conhecimento, em muitos casos obriga alunos a estudar somente para as provas, buscando tirar a nota necessária para passar de semestre. Aliado ao grande volume de conhecimento a ser adquirido e a falta de tempo, existe a cobrança pessoal, da escola, da família ou da sociedade, que o indivíduo absorva todo conteúdo. Com isso, problemas de saúde se iniciam. Muito do que o docente apresentou foi confirmado pelos discentes no momento de diálogo, sendo que muitos alunos relataram diagnóstico de depressão, ansiedade ou mesmo Síndrome de Burnout, além de afirmarem que não se exercitam, não se socializam, muitos não dormem, necessitando em alguns casos ingerir medicamentos; a alimentação fica desregular, alguns tem hiperfagia, outros hiporexia. Além disso, quando, na aula, o professor perguntou sobre o uso de medicamentos controlados sem receita por estudantes, foi comum ouvir respostas positivas, e quando se questiona o porquê do uso, na maioria dos casos é para conseguir estudar melhor, para se concentrar mais, pra conseguir dormir ou para diminuir a ansiedade. É possível concluir que a linha entre passar todo o conteúdo necessário para formar bons médicos e formar profissionais saudáveis é tênue. As instituições necessitam criar mecanismos que auxiliem na identificação e no cuidado de estudantes com dificuldades ou que apresentem algum sintoma.

Palavras-chave:
Saúde do
Estudante.
Educação de
Graduação em
Medicina.

EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA, DEPRESSÃO E BURNOUT ENTRE ESTUDANTES DE MEDICINA

Talita Guilarde Torres; Bruno Catugy Pereira; Jade Cardoso Araujo; Murilo Carvalho Aleixo; Daniel Dourado Boaventura.

Centro Universitário de Anápolis- UniEvangélica

RESUMO: A exposição à violência no ambiente acadêmico durante a graduação médica tem um impacto negativo no emocional, no psicológico e na saúde mental dos estudantes de medicina. A OMS define violência como sendo “o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si mesmo, outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, mau desenvolvimento ou privação”. A saber, comportamentos e sentimentos, como: medo, uso abusivo de álcool, depressão, pensamentos de suicídio, estresse e burnout, estão entre as possíveis consequências dessa situação. O objetivo é descrever a exposição à violência grave por sexo e turma e estabelecer uma associação entre exposição à violência grave e depressão, burnout e qualidade de vida. Foi realizado um estudo de corte-transversal com alunos do primeiro ao sexto ano do curso de medicina. A pesquisa foi realizada por meio de questionários, e para algumas temáticas utilizaram-se questionários específicos validados de domínio público. Portanto, as associações entre exposição à violência e as possíveis consequências foram avaliadas através de modelos de regressão logística multinominal simples e ajustado por sexo e ciclo. Aproximadamente dois terços dos alunos (64,5%) que responderam ao questionário foram vítimas de agressões consideradas severas. A maioria dos participantes apresentaram depressão leve a moderada (56,04%), enquanto depressão severa foi encontrada em 8,27% dos alunos. Mais da metade dos alunos apresentam algum tipo de burnout, sendo que 31,19% apresentam burnout moderado e 25,08% severo. A avaliação da qualidade de vida e a ocorrência de burnout foram semelhantes entre homens e mulheres. Os resultados obtidos neste estudo levantam a hipótese de que a exposição à violência aos acadêmicos de medicina durante sua formação é fator para burnout. Diversos fatores favorecem a síndrome de Burnout, como: o excesso de atividades, o pouco tempo para atividades de lazer, o contato com doença e a morte durante todo curso e a alta competitividade entre os alunos. Não é possível afirmar com certeza se a exposição à violência determina os transtornos mentais e a má qualidade de vida do estudante. Portanto, é importante diminuir esse índice nos ambientes acadêmicos, uma vez que reduz as potencialidades e rendimento dos alunos que podem desenvolver os malefícios advindos da exposição à violência.

Palavras-chave:

Burnout.
Violência.
Estudantes.
Medicina.

A ABORDAGEM DA MORTE, DO MORRER E DO LUTO NA FORMAÇÃO MÉDICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Dayane da Silva Kegler Neves; Alanna Oliveira Borges; Laura Augusta Justino Borba; Raquel Freitas Carneiro; Marluce Martins Machado.

Centro Universitário de Anápolis- UniEvangélica

RESUMO: Conversar sobre a morte representa um tabu a ser evitado na sociedade e, ainda, na formação médica. Segundo Marta et al. (2009), desde o primeiro período da graduação de medicina o aluno aprende a criar um distanciamento da morte e, muitas vezes, não tem a opção de discutir sobre medos, angústias, dúvidas e vivências, nutrindo o sentimento de fracasso frente à morte e ao morrer (AZEREDO; ROCHA; CARVALHO, 2011). Consequentemente, a angústia aparecerá em situações-limite, quando o aluno se depara com a sua própria finitude ao lidar com o paciente próximo da morte (MARTA et al., 2009). A disciplina de habilidades em comunicação promoveu a leitura de duas obras literárias: “Sobre a morte e o morrer”, de Elisabeth Kubler-Ross e “Em busca da boa morte: antropologia dos cuidados paliativos”, de Rachel Menezes. Embasados pelas obras, os alunos escreveram um roteiro e o apresentaram em forma de peça teatral. Tal atividade além de propiciar conhecimento acerca dos estágios do luto, ofertou uma compreensão da carga emocional vivenciada pelo paciente, pelo familiar e pelo profissional, proporcionando a ruptura do silêncio em torno da temática do processo de morrer. Segundo Azeredo, Rocha e Carvalho (2011), existe a concepção de que o trabalho do médico é a doença, então, uma vez que esta não possa ser curada, isso significa um fracasso para o profissional. Logo, vencer a morte, a qualquer custo, é vencer um oponente. Por tanto, o médico está mais propenso a responder a esses desafios manifestando “ansiedade, medo e até com ameaça à sua própria vida.” (JÚNIOR; ROLIM; MORRONE, 2005) Nesse contexto, insere a importância do preparo médico diante dessas situações, a fim de diminuir sua vulnerabilidade frente às questões existenciais, buscando encontrar a “distância ótima” que consiste em aproximar-se de forma a garantir ao doente a assistência humana e, ao mesmo tempo, resguardar-se para manter-se saudável e com capacidade de atuação (MARTA et al., 2009). Refletir sobre a finitude e os estágios vivenciados pelo paciente sem possibilidade de tratamento é fundamental para que o profissional de saúde saiba lidar com o paciente e com o familiar de forma adequada e, além disso, resguarde sua integridade emocional.

Palavras-chave: Morte. Atitude Frente à Morte. Educação Médica. Comunicação. Habilidades.

FATORES DE RISCO ASSOCIADOS À ANSIEDADE E DEPRESSÃO EM ACADÊMICOS DE MEDICINA

Ana Maria Pereira da Silva Correia; Talita Guilarde Torres; Ana Carla Martins Rodrigues; Daniel Dourado Boaventura; Talita Braga.

Centro Universitário de Anápolis- UniEvangélica

RESUMO: A depressão é um transtorno mental comum, caracterizado por tristeza, perda de interesse, ausência de prazer, oscilações entre culpa e baixa autoestima, distúrbios do sono e do apetite, sensação de cansaço e falta de concentração. Já a ansiedade é um sentimento vago e desagradável de medo, apreensão, com tensão ou desconforto pela antecipação de perigo, de algo desconhecido ou estranho. Esses dois transtornos são frequentemente correlacionados com estudantes de medicina e os fatores relacionados são: elevada carga horária, grande volume de matérias, contato com pacientes portadores de diversas doenças e prognósticos, insegurança no mercado de trabalho, cobrança da sociedade e da instituição, auto cobrança, privação de lazer, entre outros. O objetivo foi compreender os fatores responsáveis por esses transtornos mentais menores, a partir do ponto de vista do acadêmico de medicina. A elaboração deste trabalho consistiu na busca sistemática de artigos em língua portuguesa e inglesa, publicados entre os anos de 2013 e 2015 nas plataformas de pesquisa: Google Acadêmico, Scielo, DeCS e BIREME. Foi constatado que parte considerável dos estudantes sofrem de transtornos mentais menores, e entre os fatores que poderiam estar relacionados estão: dificuldade em fazer novas amizades, privação de atividades de lazer, não realizar atividade remunerada e estudo em escola particular, devido à maior pressão por questão financeira. De 23,9% a 60% dos acadêmicos de medicina privaram-se de atividades de lazer, o que poderia aumentar os níveis de estresse, um forte preditor de ansiedade e depressão. Observou-se uma maior importância dos fatores de risco: cobrança excessiva, privação de atividades de lazer e frequentar instituição de ensino particular, quando relacionados à ocorrência de ansiedade e depressão nos acadêmicos de medicina, e apesar da alta prevalência, a busca por tratamento é baixa. Isso ressalta a necessidade de maior empenho por parte de instituições de ensino, docentes e discentes no que se refere a esclarecimento sobre os transtornos, amenizar a influência dos fatores de risco e auxiliar no tratamento daqueles acometidos.

Palavras-chave:

Depressão.
Ansiedade.
Acadêmicos de Medicina.

A INFLUÊNCIA DAS POLÍTICAS DE SAÚDE MENTAL NA MORTALIDADE POR TRANSTORNOS MENTAIS E COMPORTAMENTAIS DEVIDO AO USO DE DROGAS

Carolina Pessoa Rodrigues Ribeiro; Marcela Meneses Ximenes; Bruna Moraes Farias Dantas; Cristiane Teixeira Vilhena Bernardes.

Centro Universitário de Anápolis- UniEvangélica

RESUMO: As primeiras décadas do século XX evidenciam que a problemática das drogas no Brasil esteve mais conectada às questões de segurança do que às de saúde pública, tendo como enfoque a repressão em detrimento da prevenção, a chamada “guerra às drogas”. Primeiramente, combatiam opióides e cocaína, depois incluíram maconha e heroína. A partir da aprovação da Lei Federal nº 10.216/2001 (Brasil, 2001a), que legitimou o movimento da reforma psiquiátrica na área da saúde mental, os usuários de drogas foram efetivamente aceitos como de responsabilidade da saúde mental. Com a vigência dessa lei, as políticas sobre drogas passaram a priorizar a rede de cuidados extra hospitalares, além de ressaltar os direitos à saúde e à proteção do usuário de drogas. Porém, mesmo com as mudanças de perspectiva das políticas, o uso de drogas e a mortalidade por ele ainda é um desafio para o país. O estudo teve por objetivo analisar a relação entre a mortalidade de indivíduos por transtornos mentais relacionados a drogas com as políticas públicas brasileiras preventivas e curativas quanto ao uso de substâncias psicoativas. Trata-se de um estudo epidemiológico quantitativo transversal, utilizando os dados obtidos no sistema DATASUS no Brasil entre os anos de 2011 a 2015. Foram utilizados os filtros categoria CID-10 F11, F12, F14, F16, F17 e F19, com relação de óbitos por ano. Utilizou-se também artigos retirados da plataforma Scielo também entre 2011 e 2015. Constatou-se que entre 2011 e 2015 foram registrados, de acordo com os óbitos por ocorrência segundo ano do óbito do DATASUS, 1800 óbitos em 2011, 1766 óbitos em 2012, 1809 óbitos em 2013, 1910 óbitos em 2014 e 2027 óbitos em 2015. Esses dados, somados às pesquisas realizadas em artigos, relatam que mesmo com a presença de políticas preventivas quanto ao uso de drogas, na sociedade brasileira os índices de mortalidade mantêm um padrão sem desvios consideráveis. É preciso um olhar mais acurado sobre a configuração atual do cenário das drogas no país para responder às atuais demandas no campo da prevenção, afim de evitar o aumento progressivo de mortes como observado nos últimos anos. Para tanto, necessita-se de um envolvimento conjunto de diferentes setores da sociedade e de instituições, da articulação e da divisão de responsabilidades entre os campos da saúde e da segurança.

Palavras-chave:

Drogas.
Transtornos mentais.
Mortalidade.

MORTALIDADE POR TRANSTORNOS MENTAIS DEVIDO AO USO DE ÁLCOOL RELACIONANDO-SE SEXO E FAIXA ETÁRIA NO PERÍODO DE 2011 A 2015

Carolina Pessoa Rodrigues Ribeiro; Marcela Meneses Ximenes; Bruna Moraes Farias Dantas; Cristiane Teixeira Vilhena Bernardes.

Centro Universitário de Anápolis- UniEvangélica

RESUMO: De acordo com a OPAS e a OMS, o Brasil é o quinto país com maior número de óbitos ligados ao consumo de bebidas. Sendo o uso abusivo do álcool um claro problema de saúde pública no Brasil, foi criada Política Nacional de Saúde Mental (PNSM), que busca a construção de condições para criação de um cuidado comunitário contínuo e qualificado para todos que necessitam de tratamento, consolidando um modelo de atenção à saúde mental, aberto e de base comunitária, o que determina uma mudança do modelo de tratamento ao dependente, substituindo o isolamento pelo convívio com a família e a comunidade. A Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), principal porta de entrada desses pacientes ao SUS, criou o Guia Estratégico para o Cuidado de Pessoas com Necessidades Relacionadas ao Consumo de Álcool e Outras Drogas, que aborda o tratamento ao paciente etilista, pelos profissionais de saúde. Conhecer a magnitude de mortalidade em relação ao consumo de álcool, é condição necessária para estimar o impacto desse comportamento e avaliar a eficácia da PNSM sobre o atendimento ao paciente etilista. O estudo teve por objetivo analisar a relação entre a mortalidade de indivíduos por transtornos mentais relacionados ao uso abusivo do álcool, com as políticas públicas brasileiras quanto ao uso dessa substância. Estudo epidemiológico quantitativo transversal, realizado com dados coletados no DATASUS entre os anos 2011 a 2015 utilizando-se os filtros categoria CID-10, F10 e variáveis envolvendo ano do óbito, além de artigos da plataforma Scielo. Constatou-se 1.224 óbitos, segundo a categoria CID-10, incluindo transtornos mentais e comportamentais devido ao uso de álcool entre os anos avaliados. Os números de óbitos relacionados ao uso indevido de álcool variaram de 262 a 226 óbitos por ano, e apresentaram aumento de 8,4% no número de mortes entre os anos de 2011, quando iniciaram políticas e atendimentos diferenciados, e 2015 que foi o último ano de análise até o momento. Com base nos dados obtidos é possível verificar que a atual política de saúde empregada no Brasil deve passar por avaliações voltadas a estratégias mais eficazes no plano prático. Além disso, a morbidade e a mortalidade relacionadas ao uso do álcool estão entre os 25 indicadores propostos pela OMS para o monitoramento global para prevenção e controle das doenças crônicas não-transmissíveis (DCNT) ressalta a importância da análise de tais informações.

Palavras-chave: Transtornos mentais. Álcool. Mortalidade.

A VIVÊNCIA DE DUAS ESTUDANTES DE MEDICINA NO PROCESSO DE TRANSFERÊNCIA EXTERNA DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Carolina Maria Startari Sacco; Stella Costa Frigo; Mirella Ferreira da Cunha Santos.

Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul

RESUMO: A evasão nos cursos de Medicina em instituições públicas é normalmente baixa, mas esse cenário vem sendo modificado como consequência do Sistema de Seleção Unificada do Ministério da Educação (SISU). Em virtude de o SISU ser um processo dinâmico, muitos estudantes são aprovados em Instituições de Ensino Superior (IES) em suas regiões de origem nas chamadas posteriores, o que resulta, anualmente, num grande número de vagas ociosas na 2ª série do curso de Medicina de uma IES pública. No curso analisado, mais de 90% dos alunos vêm de outras regiões do país. A transferência externa é o processo legal e regular para preenchimento dessas vagas e consta de uma prova referente ao conteúdo da 1ª série e análise curricular dos candidatos. Foi utilizada a roda de conversa para que as discentes, juntamente da docente orientadora, expusessem a experiência de maneira confortável em todas as dimensões. Resultados: Durante a fase de preparação para a prova, o alto número de inscritos e a chance de conseguir uma vaga foram geradores de pressão e ansiedade. Foram relatados sentimentos de comprometimento e obrigação crescentes, pois além de necessitarem de uma média pré-estabelecida para passar para a fase seguinte, as notas da prova atestariam o desempenho e a dedicação das alunas. Depois da aprovação, seguiu-se a avaliação curricular em que a aflição permaneceu constante, já que havia outros critérios que poderiam rebaixar a colocação das alunas. Além do comprometimento com os estudos havia a expectativa emocional e financeira da família, exaurida com os altos gastos em mensalidades e a incerteza de poder financiar o curso até o fim. Após a conquista da vaga, referiram alívio e ansiedade frente à recepção que teriam em uma turma que já estava entrosada e adaptada a metodologia do curso. Houve também, a preocupação com questões estruturais do curso, uma vez que os recursos utilizados para manter o curso advêm do Estado e o cenário político e econômico do país é preocupante. As alunas sentiram-se acolhidas pelos docentes, em parte por trabalharem com pequenos grupos de alunos em cada turma, possibilitando proximidade e adaptação mais rápida. A turma em que foram inseridas é miscigenada e disposta a fazer das diferenças um motivo pra união, o que suavizou a inserção das novas discentes na rotina do grupo.

Palavras-chave:

Avaliação
discente.
Ansiedade.
Acolhimento.

SIMPÓSIO DE SAÚDE MENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Lanna Tarce Gonçalves de Moraes; Rayane Carneiro de Amorim; Victória Reis Silva; Flavia Cristina Teixeira Silva Boggian; Luciana Caetano Fernandes.

Centro Universitário de Anápolis- UniEvangélica

RESUMO: A prevalência de transtornos ansiosos e depressivos é grande entre estudantes de medicina, aumentando o risco de suicídio entre eles. Dentre os fatores estressores que contribuem para isso estão: a privação de sono, a solidão, a preocupação com o futuro e as altas expectativas dos pais. Diante desses fatos, o Diretório Acadêmico James Fanstone (DAJAF), em conjunto com a coordenação de extensão propuseram o “Simpósio de Saúde Mental”, um projeto interdisciplinar com um público composto por estudantes dos cursos de saúde e que teve como objetivo oportunizar um espaço em que as demandas de saúde mental possam ser atendidas. Desta maneira, o objetivo é relatar a experiência na realização do Simpósio de Saúde Mental. O evento foi dividido em três tempos: “O comportamento e o pensamento do paciente deprimido”, “Por que estamos mais ansiosos e/ou deprimidos?” e “Cenário da saúde mental nas universidades do país.” A primeira fala mostrou como se porta a pessoa deprimida, aspectos clínicos e como ela pode ser ajudada. A segunda fala trouxe o cenário da depressão no mundo e os impactos sócio-econômicos-político-culturais que isso gera. A última fala trouxe depoimentos de alunos em que expressavam sua visão sobre o curso, seus sentimentos e a epidemiologia de afecções psíquicas entre estudantes universitários. Ao final do Simpósio os alunos foram convidados a participarem de uma roda de conversa quinzenal em que terão lugar de fala para atender seus anseios. Participaram do Simpósio 45 alunos de diferentes cursos da saúde. Observou-se que as falas despertaram o interesse dos mesmos em cuidar de sua saúde mental, sendo que os mesmos foram incentivados a buscarem ajuda, caso identifiquem a necessidade. A utilização de abordagens empáticas, humanizadas e de acolhimento os atraiu. As palestras serviram como momento de reflexão e auto-avaliação entre os alunos, e permitiu a interação entre acadêmicos e professores de outras áreas. Houve grande interesse dos estudantes na atividade proposta, sendo mais atrativo o fato de estarem em um espaço acolhedor, com poesia, literatura, conhecimento técnico e, sobretudo, empatia. O projeto também possibilitou aos alunos um momento de reflexão sobre como cuidar de sua saúde de forma holística. A partir desse projeto criou-se um espaço em que se trabalha a saúde mental, tendo um impacto positivo na formação dos estudantes e talvez a longo prazo na transformação da realidade de suas vidas.

Palavras-chave:
Saúde Mental.
Depressão.
Ansiedade.
Estudantes.

ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR NO TRATAMENTO DE DEPENDENTES DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS NO BRASIL

Bruna Almeida Pires Franco de Oliveira; Djonathan Daniel Franke; Adelmo Martins Rodrigues.

Universidade de Rio Verde

RESUMO: No mundo cerca de 10% das pessoas consomem indiscriminadamente substâncias psicoativas, um dado preocupante, principalmente em território brasileiro. Trata-se de um grave problema de saúde pública, o que demonstra a necessidade de assumi-lo com maior seriedade, atribuindo-lhe a relevância necessária para seu manejo, não somente do Sistema Único de Saúde (SUS), mas também por todos os profissionais da área da saúde. Isto se deve à falta de cuidados com aqueles que sofrem por exclusão do sistema de saúde do país, acarretando em uma adequação do modelo de cuidados já existente que não atinge essa faixa da população. Desta maneira, o objetivo é abordar de forma multidisciplinar sobre os cuidados aos dependentes de substâncias psicoativas no Brasil. Foram utilizados dados de domínio público dos anos de 2003 até 2011, através de pesquisas realizadas no Google Acadêmico. Como descritores utilizamos as palavras-chave “Dependentes de substâncias psicoativas” e “Abordagem multidisciplinar em dependentes químicos”. De acordo com o Relatório Brasileiro sobre Drogas de 2005, a prevalência do uso de drogas psicotrópicas em residências brasileiras correspondeu a 68,7 e 41,1% de álcool e tabaco, respectivamente. Destacamos os efeitos nocivos do consumo excessivo destas substâncias, de acordo com o uso prolongado do álcool, podendo resultar em doenças crônicas como hepatite e cirrose. Perante ao tabagismo enfatizamos o câncer de garganta, boca e pulmão e também substâncias opioides, que em doses excessivas levam a overdose. Desse modo para a diminuição do estado de dependência psicoativa é necessário a adesão do paciente ao tratamento, sendo este vinculado às intervenções farmacológicas e terapias comportamentais, evidenciando maior eficácia de tal quando aplicados em conjunto. Em consonância, o Ministério da Saúde publicou a portaria GM/336 de 19 de fevereiro de 2002 que estipula normas e diretrizes voltados ao atendimento dos dependentes de drogas e álcool – CAPSad, o qual permite que haja elaboração do tratamento de forma individual e contínua. Como desfecho desta situação, existe a necessidade de uma abordagem multidisciplinar no tratamento de dependentes de substâncias psicoativas no Brasil. O uso aliado das terapias farmacológica e comportamental aparece como uma alternativa eficaz ao modelo ausente em vigor, visto que os efeitos do uso abusivo destas substâncias podem acarretar em consequências irreversíveis à saúde do indivíduo.

Palavras-chave: Dependentes de substâncias psicoativas. Abordagem multidisciplinar em dependentes químicos.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: NÚCLEO DE APOIO PSICOPEDAGÓGICO AO DISCENTE COMO SUPORTE NA SAÚDE MENTAL DOS ESTUDANTES DE MEDICINA

Pedro Henrique Pereira da Silva; Lara Gomes Nery; Desirée Mata de Sousa; Ana Clara Hajjar; Juliane Macedo.

Centro Universitário de Anápolis- UniEvangélica

RESUMO: Levando em consideração os altos índices de suicídio, depressão, ansiedade, envolvimento com drogas, dificuldades de aprendizagem e relacionamento interpessoal dos acadêmicos de medicina (MOUTINHO, et al. 2016; CYBULSKI; MANSANI, 2017), e o papel exercido pelo Núcleo de Apoio Psicopedagógico ao Discente - NAPED medicina, que propõe apoio psicológico e pedagógico com objetivo de auxiliar e amenizar os problemas e as dificuldades encontradas pelos discentes, analisamos a experiência pessoal de um acadêmico atendido no referido núcleo durante o seu primeiro período na graduação no ano de 2017. O objetivo é relatar a experiência de um acadêmico do primeiro período do curso de medicina da UniEVANGÉLICA que procurou apoio psicológico do NAPED. Este núcleo realiza atendimentos individuais e grupais, procurando dar suporte aos problemas e dificuldades apresentados pelos acadêmicos nos aspectos cognitivos e emocionais. Assim, o presente trabalho relata a experiência dos atendimentos individuais de um acadêmico de medicina que buscou ajuda do NAPED por não estar se adaptando a metodologia e aos seus pares. Os resultados evidenciaram que numa relação de diálogo com um dos profissionais do NAPED, o aluno atendido teve uma melhora na qualidade de sua saúde mental, permitindo que o mesmo pudesse ter uma maior reflexão sobre suas dificuldades de organização e aprendizagem dos conteúdos estudados e em seus problemas de relacionamento interpessoal. Conclui-se que o Núcleo de Apoio Psicopedagógico ao Discente contribuiu de forma significativa para a resolução dos conflitos pessoais e acadêmicos do estudante, buscando apoiá-lo em conflitos e desequilíbrios mentais provenientes da natureza do curso de medicina, problemas esses como: adaptação à nova metodologia, a quantidade de conteúdo a serem estudados, a mudança de cidade e outros. Na experiência do acadêmico de medicina, percebemos como esse apoio foi eficaz, pois o levou a um maior autoconhecimento e a busca de escolhas mais adequadas e saudáveis para sua formação profissional, bem como para suas relações interpessoais. Tendo como resultado a eficácia desse acompanhamento sugere-se que os cursos de graduação criem núcleos de apoio para os acadêmicos no sentido de propiciar aos mesmos um equilíbrio psicológico e emocional mais saudável e uma carreira acadêmica salutar.

Palavras-chave:

Estudante de Medicina.
Transtornos mentais. Núcleo de apoio.

DOENÇA DE ALZHEIMER: UM ESTUDO DE CASO

Rafael da Silva Leite; Andreia Moreira da Silva Santos.

Centro Universitário de Anápolis-UniEvangélica

RESUMO: A doença de Alzheimer, classificada com demências, é um transtorno neurodegenerativo progressivo, desenvolvendo lento e continuamente ao longo dos anos, manifestada pela deterioração cognitiva e da memória, evidenciando comprometimentos para desempenhar atividades diárias e uma variedade de distúrbios de comportamentos e sintomas neuropsiquiátricos. No Brasil, os idosos já ultrapassam 7,3% (8 milhões) da população total, despertando atenção para esta patologia que acomete parte considerável dos idosos. O objetivo é apresentar os dados de rastreios e achados semiológicos em um paciente idoso diagnosticado com DA, possibilitando maior compreensão acerca do assunto, diagnóstico e detecção precoce da doença. O caso relatado neste trabalho foi estudado pelos membros participantes. Os dados foram colhidos do prontuário do paciente na Unidade Básica de Saúde Vila Mutirão Goiânia -GO com prévia autorização, e por meio de entrevista com médico o qual acompanhou. Além disso, foi utilizado guidelines para auxílio teórico acerca do assunto. V.A.S., sexo masculino, 92 anos, viúvo, analfabeto, aposentado, ex-lavrador e cuidado por familiares. Apresentou quadro de Alzheimer avançado que evoluiu progressivamente em um curto período de tempo, não sendo tratado para esta patologia devido à resistência ao tratamento. Inicialmente, os profissionais tem muita dificuldade em diagnosticar a patologia, principalmente, devido à escassez de sinais e sintomas específicos e possíveis diagnósticos diferenciais, assim como, a relutância do paciente em esconder suas queixas. O diagnóstico diferencial entre a demência e a depressão geralmente pode ser difícil visto que muitos desses sintomas podem ser comuns às duas doenças, além de coexistir. Além disto, havia a necessidade de excluir outras causas de demência primária, dificultadas pela resistência na aceitação de exames e prática de terapia medicamentosa e pela negligência em demonstrar queixas.

Palavras-chave:

Alzheimer.
Idoso.
Demência.